

COLEÇÃO TESOUROS DA LITERATURA

# JONATHAN SWIFT

## AS VIAGENS DE GULLIVER

Versão Integral.

Prefácio da escritora  
Maria do Rosário Pedreira

OBRA RECOMENDADA  
Leitura  
orientada  
6.º ano



# Índice

Prefácio

- 17 -

Do editor para o leitor

- 23 -

Carta do Capitão Gulliver ao seu primo Sympson

- 27 -

## PARTE I

### *Uma Viagem a Lilliput*

#### I

*O autor enquadra a sua história e a da família. Refere as primeiras inclinações para viajar. Naufraga e tenta salvar-se a nado. Chega à costa do país de Lilliput são e salvo. É feito prisioneiro e transportado para o norte do país.*

- 35 -

## II

*O imperador de Lilliput, acompanhado por vários nobres, visita o autor no cárcere. Descrição do aspeto físico e do vestuário do imperador. São nomeados eruditos para ensinarem o idioma do país ao autor. Este suscita a simpatia pelo seu temperamento afável. Revistam-lhe os bolsos e confiscam-lhe a espada e as pistolas.*

– 50 –

## III

*O autor diverte o imperador e os seus cortesãos (de ambos os géneros) de um modo pouco vulgar. Descrição das diversões da corte de Lilliput. É concedida a liberdade ao autor sob certas condições.*

– 64 –

## IV

*Descrição de Mildendo, capital de Lilliput, e do palácio do imperador. Conversa entre o autor e um secretário principal acerca dos assuntos daquele império. O autor oferece-se para servir nas guerras do imperador.*

– 75 –

## V

*O autor, recorrendo a um estratagema extraordinário, impede uma invasão. É-lhe concedido um elevado título honorífico. Chegam embaixadores do imperador de Blefuscu para pedir a paz. Um acidente provoca*

*um incêndio nos aposentos da imperatriz e o autor  
acorre para salvar o resto do palácio.*

– 82 –

## VI

*Dos habitantes de Lilliput: seus conhecimentos, leis, costumes  
e maneira de educar os filhos. O modo de vida do autor  
naquele país. A sua defesa de uma grande dama.*

– 92 –

## VII

*O autor, sendo informado de um plano para o acusarem  
de alta traição, foge para Blefuscu. A recepção que lhe  
prestam naquele país.*

– 107 –

## VIII

*O autor, devido a um feliz acaso, encontra uma forma  
de abandonar Blefuscu e, depois de algumas dificuldades,  
regressa são e salvo ao seu país natal.*

– 120 –

## PARTE II

### *Uma Viagem a Brobdingnag*

#### I

*Descrição de uma grande tempestade.  
Enviaram um escaler a terra em busca de água.  
O autor segue nele para explorar a região.*

*É abandonado na costa, recolhido por um dos nativos e levado para uma quinta. Relato da forma como é recebido e das diversas peripécias que ali lhe sucedem. Uma descrição dos habitantes.*

– 131 –

## II

*Descrição da filha do agricultor. O autor é levado ao mercado da cidade e, depois, à capital. Relato da viagem.*

– 148 –

## III

*O autor é enviado para a corte. A rainha compra-o ao seu amo, o agricultor, e oferece-o ao rei. Discute com os grandes sábios de Sua Majestade. É alojado na corte. Goza da simpatia da rainha. Defende a honra do seu país. Envolve-se em contendas com o anão da rainha.*

– 157 –

## IV

*Descrição do país. Uma proposta para corrigir os mapas modernos. O palácio do rei e algumas informações sobre a capital. O modo de viajar do autor. Descrição do templo principal.*

– 172 –

V

*Referência a várias aventuras vividas pelo autor.*

*A execução de um criminoso.*

*O autor demonstra as suas capacidades de navegação.*

– 179 –

VI

*Várias ideias do autor para agradar ao rei  
e à rainha. Revela o seu talento musical.*

*O rei interroga-o sobre Inglaterra e o autor  
fornece-lhe as informações solicitadas.*

*Considerações do rei sobre o assunto.*

– 193 –

VII

*O amor do autor pela sua pátria.*

*Apresenta uma proposta muito vantajosa  
ao rei, mas esta é recusada.*

*A grande ignorância do rei em questões  
políticas. Os imperfeitos e limitados  
conhecimentos daquele país. As leis, os assuntos  
militares e os partidos políticos do reino.*

– 206 –

VIII

*O rei e a rainha efetuam uma visita às fronteiras.*

*O autor acompanha-os. Relato muito pormenorizado  
do modo como sai do país. Regresso a Inglaterra.*

– 215 –

### PARTE III

#### *Uma Viagem a Laputa, Balnibarbi, Luggnagg, Glubbudrib e Japão*

##### I

*O autor empreende a sua terceira viagem.  
É capturado por piratas. A maldade de um holandês.  
Chega a uma ilha. É recebido em Laputa.*

– 235 –

##### II

*O caráter e o temperamento dos laputianos.  
Descrição da sua cultura. O rei e a corte.  
O modo como receberam o autor. Os receios e inquietações  
da população. Um retrato das mulheres.*

– 243 –

##### III

*Um fenómeno solucionado pela filosofia e pela astronomia  
modernas. Os grandes avanços dos laputianos nesta última.  
O método do rei para reprimir insurreições.*

– 255 –

##### IV

*O autor deixa Laputa, é conduzido a Balnibarbi e chega  
à capital. Descrição da metrópole e dos campos circundantes.  
O autor é recebido com grande hospitalidade por um  
grande fidalgo. Relato da conversa entre ambos.*

– 262 –

V

*O autor obtém autorização para visitar a grandiosa  
Academia de Lagado. Descrição pormenorizada da Academia.  
As artes a que se dedicam os professores.*

– 271 –

VI

*Continuação da descrição da Academia. O autor sugere  
algumas melhorias, que são honrosamente recebidas.*

– 282 –

VII

*O autor deixa Lagado e chega a Maldonada.  
Não há barcos preparados para zarpar.  
Faz uma curta viagem a Glubbudrib.  
É recebido pelo governador.*

– 290 –

VIII

*Continuação da estadia em Glubbudrib.  
Retificações à história antiga e moderna.*

– 296 –

IX

*O autor regressa a Maldonada. Embarca para o reino  
de Luggnagg. É preso e, depois, enviado para a corte.  
A forma como é recebido. A grande benevolência do rei  
para com os seus súbditos.*

– 304 –

## X

*Elogio dos luggnaggianos. Descrição pormenorizada dos struldbrugs, a partir de conversas mantidas entre o autor e algumas pessoas eminentes.*

– 309 –

## XI

*O autor deixa Luggnagg e parte para o Japão. De lá segue viagem, num barco holandês, para Amesterdão, e de Amesterdão para Inglaterra.*

– 321 –

## PARTE IV

### *Uma Viagem ao País dos Houyhnhnms*

#### I

*O autor parte como capitão de um navio. A tripulação conspira contra ele, encerra-o durante muito tempo no seu camarote e deixa-o abandonado na praia de uma terra desconhecida. O autor embrenha-se no país. Descrição dos yahoos, uma estranha espécie de animais. O autor encontra-se com dois houyhnhnms.*

– 329 –

#### II

*O autor é levado a casa de um houyhnhnm. Descrição da casa. A forma como o autor é recebido. A alimentação dos houyhnhnms. O autor não tem o que comer, mas, por fim, consegue arranjar uma solução. O seu regime alimentar naquele país.*

– 339 –

### III

*O autor dedica-se à aprendizagem da língua do país.  
O seu amo houyhnhnm ajuda-o. Descrição da língua.  
Vários houyhnhnms de elevada condição,  
atraídos pela curiosidade, visitam o autor.  
Este faz ao amo um breve relato da sua viagem.*

– 348 –

### IV

*As noções de verdade e mentira dos houyhnhnms. O discurso  
do autor recebe a desaprovação do seu amo. O autor faz um relato  
mais pormenorizado de si mesmo e dos acidentes da sua viagem.*

– 357 –

### V

*A pedido do seu amo, o autor fala-lhe sobre Inglaterra.  
As causas das guerras entre os príncipes europeus.  
O autor começa a explicar a Constituição inglesa.*

– 365 –

### VI

*Continuação da descrição do estado de Inglaterra  
sob a liderança da rainha Ana. O caráter de um  
primeiro-ministro nas cortes europeias.*

– 375 –

### VII

*O grande amor do autor pelo seu país natal.  
Observações do seu amo sobre a Constituição*

*e a administração de Inglaterra, conforme descritas pelo autor, com recurso a paralelismos e analogias.*

*Observações do amo sobre a natureza humana.*

– 385 –

## VIII

*O autor descreve várias características dos yahoos.*

*As grandes virtudes dos houyhnhnms.*

*A educação e formação durante a juventude.*

*A sua assembleia geral.*

– 396 –

## IX

*Grande debate na assembleia geral dos houyhnhnms e a decisão resultante. Os conhecimentos*

*dos houyhnhnms. Os seus edifícios. Os seus enterros.*

*Os defeitos do seu idioma.*

– 405 –

## X

*Os recursos e a vida feliz do autor entre os houyhnhnms. Os grandes progressos, em termos de virtude, que alcança ao conviver com eles. Os temas das suas conversas.*

*O amo informa-o de que deve abandonar o país.*

*Fica bastante abatido, mas obedece.*

*Consegue construir uma canoa com a ajuda de um criado seu amigo e aventura-se no mar.*

– 413 –

## XI

*A perigosa travessia do autor. Chega à Nova Holanda, na esperança de ali se estabelecer. Um dos nativos fere-o com uma flecha. É capturado e levado para um barco português. Recebe um tratamento bastante cordial por parte do capitão. O autor chega a Inglaterra.*

– 424 –

## XII

*A veracidade do autor. A sua intenção ao publicar este livro. As suas críticas aos viajantes que se desviam do caminho da verdade. O autor exime-se de quaisquer objetivos obscuros subjacentes à sua obra. Responde a uma crítica. O método de estabelecer colónias. Elogio ao seu país natal. Justificação dos direitos da coroa sobre os países descritos pelo autor. A dificuldade em conquistá-los. O autor despede-se do leitor, propõe o seu modo de vida como exemplo a seguir no futuro, dá bons conselhos e conclui.*

– 436 –

# Prefácio

*O outro e o mesmo*

**É** bastante provável que, mesmo sem teres lido a história que se segue, já conheças alguns dos seus episódios mais emblemáticos e sejas até capaz de descrever Gulliver, o protagonista, como um gigante amarrado pelos pulsos, pelas pernas e pelos cabelos a pequenas estacas, e feito refém de uma centena de homens minúsculos que se passeiam para trás e para diante no seu corpo. Com efeito, a indústria cinematográfica, desde a época dos filmes mudos, foi pródiga em adaptações d'*As Viagens de Gulliver*, e é quase certo que já tenhas assistido a uma ou outra dessas versões, especialmente sob a forma de desenho animado, na televisão. Contudo, o romance de Jonathan Swift — escritor nascido na cidade de Dublin em 1667 — vai muito além dessa imagem que eventualmente guardarás, até porque ela diz respeito apenas à visita a Lilliput, a primeira das quatro viagens empreendidas por Lemuel Gulliver, um médico que começou a correr mundo por necessidade (precisava de trabalho e arranjou-o num barco), mas ganhou de tal modo o gosto pela aventura que acabou por tornar-se capitão de

navios, passando a ser praticamente impossível encontrá-lo em terra — que o digam, aliás, a mulher e os filhos, de quem esteve separado, somando as viagens todas, mais de dezasseite anos...

Em jeito de parêntese, é também possível que já tenhas ouvido falar do Yahoo!, um portal de Internet criado em 1995 por dois jovens engenheiros norte-americanos, que constituiu um dos primeiros motores de busca. O que talvez não saibas é que a origem do nome «Yahoo» remonta justamente à última viagem de Gulliver, desta feita a um país onde vivem cavalos falantes e sensatos e onde os *yahoos* são uns animais bastante sujos, nada simpáticos e completamente irracionais que, vistos de perto, se assemelham perigosamente a seres humanos...

Parecem-te histórias da Carochinha, estas de gigantes, bichos com cara de gente e cavalos que pensam? Pois garantote que não o são. Todo o livro é, de resto, uma longa metáfora e bastante mais profundo do que pensavas na altura em que vias desenhos animados depois da escola. Aliás, se um romance publicado na segunda década do século XVIII ainda hoje é lido em toda a parte e com o mesmo prazer por crianças, jovens e adultos, tem forçosamente de ter qualquer coisa de excepcional. E esse é um dos milagres da grande literatura: nunca envelhecer nem passar de moda.

Pois bem: numa altura em que o mundo, em vez de aprender com os erros do passado e se tornar mais aberto e generoso, está cheio de governantes que mandam erguer muros para evitar a entrada de pessoas que procuram uma vida melhor, ou se recusam a deixar desembarcar nos seus portos

famílias que vêm a fugir de guerras terríveis, este romance de Swift (que foi também poeta, autor de panfletos políticos e até um homem da igreja) é de uma atualidade desconcertante. E porquê? Porque nos fala essencialmente do Outro, desse outro que, sendo de longínquas paragens, é obviamente diferente de nós, mas que, bem vistas as coisas, esquecidos os detalhes sem importância, tem muito mais coisas que nos unem do que aquelas que nos separam, como reza uma bonita canção de Rui Veloso. E, seja em Lilliput (onde Gulliver é um gigante); seja em Brobdingnag (onde é uma atração de feira e se torna o brinquedo de uma rainha); seja na ilha voadora de Laputa e nos seus vários territórios (onde cientistas procuram, em vão, extrair raios de sol de pepinos e outras maluqueiras sem sentido); seja, por fim, na terra dos Houyhnhnms (onde os tais cavalos que gozam de superioridade moral acabam por levar Gulliver a envergonhar-se do seu país) — esse «Outro» de que há pouco falávamos é, afinal, quem mais pode ensinar-nos sobre nós mesmos, porque não é senão um espelho em que vemos desfilar defeitos e vícios que julgávamos pertencerem a toda a gente, menos a nós. E afinal...

Nesse sentido, *As Viagens de Gulliver* não são um mero relato de viagens (a forma escolhida é essa, mas só porque no tempo em que foi escrito estavam na moda os livros de viagens e isso permitiu ao autor chegar a um público mais numeroso); elas são, acima de tudo, uma sátira impiedosa aos políticos e homens poderosos do tempo de Swift, que eram corruptos, oportunistas e gananciosos (e nesse aspeto — lamento dizer — as coisas não mudaram muito até aos

nossos dias). Basta, aliás, a descrição que Gulliver faz dos advogados e juizes britânicos ao seu amo Houyhnhnm na sua derradeira viagem para percebermos imediatamente que o objetivo do escritor era desmascarar a falsidade, o vício, a cobiça, o oportunismo e tantos outros defeitos de que padece a natureza humana — e que, no fundo, se repetem em todas as épocas e todas as geografias.

Outra verdade extremamente interessante que aprendemos com o romance é que nada é absoluto, tudo é relativo; como diz o próprio Gulliver a dada altura, «nada é grande ou pequeno senão por comparação». E, assim, o Gulliver que pode facilmente exercer o seu poder e a sua tirania sobre os liliputianos no início do livro torna-se um bonequinho inofensivo nas mãos dos habitantes de Brobdingnag. E o Gulliver que faz o elogio da pátria num dos lugares que visita não tem outro remédio senão criticá-la severamente — e até renegá-la e desejar nunca mais regressar ao seu seio — quando conhece os costumes e regras aparentemente mais corretos de outro país. E o Gulliver protegido e amado pelos seus anfitriões, gratos por ele os ter ajudado a evitar uma arriscada batalha naval, é considerado um traidor assim que diz não a uma proposta que põe em causa a liberdade de todo um povo, circunstância que o levará a desabafar: «Como pesam tão pouco os maiores serviços prestados aos príncipes quando no outro prato da balança se encontra a recusa em satisfazer os seus caprichos!»

«Não maçarei o leitor com pormenores», diz repetidamente o narrador destas viagens (que até passam ao de leve por Portugal — e, como não podia deixar de ser, Gulliver

acha os habitantes bem simpáticos!). E agora digo-o eu, «não vos maçarei com mais pormenores», até porque não quero estragar-vos o prazer de descobrirem as muitas peripécias vividas por Lemuel Gulliver nos remotos países que conheceu e donde regressou, tantos anos depois, um outro homem.

*Maria do Rosário Pedreira*

# Do editor para o leitor

*[Conforme consta na edição original]*

O Sr. Lemuel Gulliver, autor destas viagens, é meu velho e íntimo amigo, havendo ainda entre nós laços familiares pelo lado materno. Há cerca de três anos, o Sr. Gulliver, começando a ficar cansado da afluência de curiosos à sua casa em Redriff, comprou um pequeno terreno com uma agradável moradia perto de Newark, em Nottinghamshire, seu condado natal. É lá que agora vive retirado, não deixando, porém, de nutrir a estima dos seus vizinhos.

Embora o Sr. Gulliver tenha nascido em Nottinghamshire, onde residia o pai, ouvi dizer-lhe que a família era originária de Oxfordshire. Confirmei isso mesmo ao ver no cemitério da igreja de Banbury, cidade deste condado, vários túmulos e monumentos dos Gullivers.

Antes de ter abandonado Redriff, confiou-me o manuscrito da presente obra, dando-me a liberdade de dispor dele conforme me parecesse mais conveniente. Li-o três vezes com extremo cuidado. O estilo é simples e pouco artificioso, sendo a única fragilidade que lhe encontrei a de o autor,

à imagem de outros viajantes, se perder excessivamente em pormenores. No conjunto dos relatos, porém, é patente a marca da veracidade. De facto, o autor foi-se distinguindo de tal maneira por esta característica, que, entre os seus vizinhos de Redriff, passou a ser uma espécie de provérbio, quando alguém fazia alguma afirmação, garantir que era tão verdadeira como se tivesse sido proferida pelo Sr. Gulliver.

Seguindo o conselho de várias figuras eminentes, a quem, com a permissão do autor, mostrei o manuscrito, aventurei-me agora a apresentá-lo ao mundo, esperando que venha a revelar-se, pelo menos durante algum tempo, um entretenimento mais proveitoso para os nossos jovens nobres do que os habituais rabiscos sobre assuntos políticos e partidários.

Este volume teria, no mínimo, o dobro do tamanho, caso não tivesse tido a coragem de eliminar inúmeras passagens relacionadas com ventos e marés, variações e orientações de certas viagens, bem como as minuciosas descrições, ao estilo peculiar dos homens do mar, das manobras de navegação durante as tempestades. Também eliminei a pormenorização de longitudes e latitudes. Temo, por isso, que o Sr. Gulliver possa vir a ficar um pouco desagradado, mas a minha intenção foi a de adequar o livro às aptidões dos leitores em geral. Contudo, se a minha própria ignorância em questões náuticas me levou a cometer alguns erros, assumo por inteiro a responsabilidade dos mesmos. E, se algum viajante tiver curiosidade em consultar a obra completa, tal como foi originalmente escrita pelo autor, será com agrado que a colocarei à sua disposição.

No que diz respeito a outras informações sobre o autor, poderá o leitor encontrá-las nas primeiras páginas deste livro.

*Richard Simpson*

# Carta do capitão Gulliver ao seu primo Sympson

*Escrita no ano de 1727*

**E**spero que estejas preparado para admitir publicamente, sempre que as circunstâncias o ditarem, que, por tua grande e constante insistência, fui levado a publicar um relato muito solto e incorreto das minhas viagens, com a indicação de contratar um qualquer jovem universitário de Oxford ou Cambridge para lhe conferir ordem e corrigir o estilo, tal como o fez o meu primo Dampier, aconselhado por mim, no seu livro *Uma viagem à volta do mundo*. Mas não me recordo de te ter dado autorização para que fossem omitidas certas passagens, e muito menos que outras fossem inseridas. Por isso, no que respeita a estas últimas, rejeito-as como sendo de minha autoria, principalmente um parágrafo acerca de Sua Majestade, a rainha Ana, de pia e gloriosa memória, ainda que a tenha reverenciado e estimado mais do que qualquer outro ser da espécie humana. Mas tu ou o teu revisor deveriam ter tido em conta que, de acordo com a minha postura, não teria sido correto elogiar qualquer animal da nossa natureza perante o meu amo *houyhnhnm*.

E, além disso, a referência é completamente falsa, pois, tendo permanecido em Inglaterra durante parte do reinado de Sua Majestade, a rainha, sei que ela governou com um primeiro-ministro, ou melhor, com dois consecutivamente, o primeiro dos quais lorde de Godolphin e o segundo lorde de Oxford, pelo que me levaste a contar algo que não existiu. De igual modo, no relato da Academia de Inventores, bem como em várias passagens do discurso dirigido ao meu amo *houyhnhnm*, foram omitidos, separados ou alterados vários aspetos circunstanciais, de tal forma que dificilmente reconheço o meu próprio trabalho. Quando, há algum tempo, te dei a entender isso mesmo numa carta, respondeste que temias ferir suscetibilidades, argumentando que os homens no poder submetiam a imprensa a apertada vigilância e se inclinavam não apenas a interpretar, mas também a punir tudo o que se pudesse assemelhar a «insinuações» (penso ter sido esse o termo que empregaste). Contudo, repara, como poderia aquilo que proferi há tantos anos e a cerca de cinco mil léguas<sup>1</sup> de distância, noutra reino, ser aplicado a qualquer um dos *yahoos* que agora, como se costuma dizer, governam o rebanho, sobretudo numa época em que pouco ponderava ou receava a infelicidade de viver sob as ordens deles? Não terei eu, porém, razões de sobra para me queixar quando vejo esses mesmos *yahoos* serem transportados em carruagens por *houyhnhnms*, como se estes fossem bestas de carga e aqueles as verdadeiras criaturas racionais? Devo confessar que um dos principais motivos que me

---

<sup>1</sup> Antiga unidade de medida itinerária que equivalia a cinco quilómetros. [N. do T.]

levaram a afastar-me para estas paragens foi o de me recusar a assistir a tão horrendo e abominável espetáculo.

Pareceu-me por bem transmitir-te tudo isto em relação à tua pessoa e à confiança que em ti depositei.

Por outro lado, lamento a minha própria falta de discernimento ao me ter deixado influenciar por pedidos e falsos raciocínios provenientes de ti e de outros, muito contrários à minha opinião, para que as minhas viagens fossem publicadas. Relembro-te das inúmeras vezes em que, face à tua insistência na alegação do bem público, pedi para teres em conta que os *yahoos* eram uma espécie de animais absolutamente incapazes de emenda, quer por normas quer pelo exemplo, facto este que se veio a comprovar: em vez de assistir ao fim de todos os abusos e corrupções, pelo menos nesta pequena ilha, tal como seria razoável esperar, não consegui verificar, passados seis meses, um único efeito provocado pelo meu livro de acordo com as minhas intenções. Solicitei que me informasses por carta quando ocorresse a abolição dos partidos e das fações; quando os juízes se tivessem tornado sábios e honrados e os advogados honestos e humildes, com uma base de senso comum, e em Smithfield ardessem pirâmides de livros de direito; quando a educação dos jovens nobres tivesse mudado por completo; quando os médicos fossem banidos; quando nas mulheres *yahoos* abundasse a virtude, a honra, a verdade e o bom senso; quando as cortes e assembleias dos grandes ministros fossem dissolvidas e extintas; quando o talento, o mérito e a aprendizagem fossem recompensados; quando todos os que aviltassem a imprensa, em prosa e em verso, fossem condenados a nada mais comerem

do que o seu próprio papel e matarem a sede com a sua própria tinta. Em virtude do teu encorajamento, contava firmemente com estas e tantas outras reformas, sobretudo porque elas poderiam ser claramente depreendidas dos preceitos expostos no meu livro. E convenhamos que sete meses era tempo suficiente para corrigir todos os vícios e loucuras de que os *yahoos* padecem, caso as suas naturezas possuíssem a mínima disposição para a virtude e para a sabedoria. No entanto, até ao momento, não só as tuas cartas estiveram longe de corresponder às minhas expectativas, como, pelo contrário, as tens avolumado com a exposição de difamações, notas, reflexões, memórias e adendas, nas quais me vejo acusado de criticar os grandes estadistas, de denegrir a natureza humana (como ainda confiantemente a designam) e de injuriar o género feminino. Constato também que os autores de tais relambórios não concordam entre si, pois alguns deles não me atribuem a autoria das minhas próprias viagens, enquanto outros me consideram o autor de livros que me são perfeitamente alheios.

Verifico de igual modo que o teu impressor foi descuidado ao ponto de confundir os períodos e errar nas datas das minhas várias viagens de partida e regresso, não lhes atribuindo o ano, o mês ou o dia certos. E ouvi dizer que o manuscrito original foi destruído após a publicação do livro. Embora não tenha nenhuma cópia em meu poder, envie-te algumas correções, que poderás inserir, se alguma vez vier a surgir uma segunda edição. Mas, como não as poderei assegurar com toda a certeza, deixarei que sejam os meus judiciosos e cândidos leitores a ajustá-las às suas leituras.

Ouvi rumores de que alguns dos nossos *yahoos* do mar apontaram falhas à minha linguagem de marinhardia, por não ser adequada em algumas passagens ou por ter caído em desuso. Nada posso fazer quanto a isso. Nas minhas primeiras viagens, quando era jovem, fui instruído pelos velhos lobos do mar e aprendi a falar como eles. Mas, desde então, descobri que os *yahoos* do mar, tal como os de terra, são propensos a inovarem nas palavras utilizadas, as quais mudam de ano para ano, tanto que me lembro de, a cada regresso ao meu país, o seu antigo dialeto ter sofrido tantas alterações que só a muito custo conseguia perceber o novo. E atualmente constato, sempre que um *yahoo* vem de Londres visitar-me a minha casa, que nenhum de nós consegue transmitir as nossas ideias de uma forma que seja inteligível para o outro.

Se a censura dos *yahoos* pudesse, de alguma maneira, afetar-me, teria fortes razões para me queixar, visto alguns deles terem a ousadia de pensar que o meu livro de viagens é uma mera invenção da minha cabeça, chegando mesmo a insinuar que os *houyhnhnms* e os *yahoos* são tão reais quanto os habitantes de Utopia.

Em bom rigor, devo confessar que, relativamente aos habitantes de *Lilliput*, *Brobdingnag* (assim se deveria ter escrito esta palavra e não *Brobdingnag*, como erradamente se fez) e *Laputa*, não ouvi falar até hoje de um *yahoo* que fosse presunçoso ao ponto de duvidar da sua existência ou dos factos que deles relatei, porque a convicção da sua veracidade invade imediatamente os leitores. Haverá, porém, uma menor probabilidade no relato que faço dos *houyhnhnms* e dos *yahoos*, quando é manifesto que os últimos abundam aos milhares, mesmo

neste país, diferindo apenas dos seus irmãos mais selvagens da terra dos *houyhnhnms* por usarem um género de fala mais atabalhado e não andarem nus? Escrevi para os corrigir, não para obter os seus elogios. O louvor em unísono de toda a nossa espécie teria para mim menos importância do que o relinchar dos dois *houyhnhnms* degenerados que vivem no meu estábulo, pois com eles, por mais degenerados que sejam, ainda aprendo algumas virtudes, sem a mácula do vício.

Presumirão esses animais miseráveis que eu degenerarei ao ponto de me sentir na necessidade de defender o meu carácter verdadeiro? Apesar de ser *yahoo*, é bem sabido por todo o país dos *houyhnhnms* que, graças aos ensinamentos e exemplos do meu ilustre amo, fui capaz, em dois anos (embora, verdade seja dita, com muita dificuldade), de me libertar do hábito infernal de mentir, fingir, enganar e tergiversar, tão profundamente enraizado em todas as almas da minha espécie, sobretudo na dos europeus.

Teria outras queixas a apresentar sobre esta situação incómoda, mas abster-me-ei de o fazer, para me poupar a mim e a ti. Devo confessar abertamente que, desde o meu último regresso, algumas corrupções na minha natureza de *yahoo* se reavivaram devido ao meu convívio com alguns elementos da vossa espécie, e em particular com a minha família, por inevitável necessidade. De outro modo, nunca teria empreendido um projeto tão absurdo como o de pretender aperfeiçoar a espécie *yahoo* deste reino. Mas agora abandonei todos esses esquemas visionários para sempre.

2 de abril de 1727

PARTE I

*Uma Viagem a Lilliput*

## I

*O autor enquadra a sua história e a da família.  
Refere as primeiras inclinações para viajar.  
Naufraga e tenta salvar-se a nado.  
Chega à costa do país de Lilliput são e salvo.  
É feito prisioneiro e transportado para o norte do país.*

**O** meu pai possuía uma pequena propriedade em Nottinghamshire. Eu era o terceiro de cinco filhos. Quando tinha catorze anos, enviou-me para o Emanuel College, em Cambridge, onde residi durante três anos, aplicando-me com grande dedicação nos estudos. Contudo, como o encargo da minha subsistência era grande para tão pequena fortuna, embora a minha mesada fosse muito reduzida, fui entregue como aprendiz ao Sr. James Bates, um proeminente médico londrino, com quem permaneci durante quatro anos. De tempos a tempos, o meu pai enviava-me pequenas somas de dinheiro, que eu ia investindo na aprendizagem da arte da navegação, bem como noutras áreas da matemática, úteis para aqueles que pretendiam viajar, visto sempre ter acreditado que esse seria, mais cedo ou mais tarde, o meu destino. Quando deixei

o Sr. Bates, fui visitar o meu pai. Com a sua ajuda e a do meu tio John e de outros familiares, reuni a soma de quarenta libras e a promessa de uma pensão de trinta libras por ano para a minha manutenção em Leyden, onde viria a estudar Medicina durante dois anos e sete meses, sabendo que os conhecimentos ali adquiridos me seriam proveitosos em viagens longas.

Pouco tempo depois do meu regresso de Leyden, fui recomendado pelo meu bom mestre, o Sr. Bates, para o posto de médico de bordo do *Swallow*, às ordens do capitão Abraham Pannel, com quem estive três anos e meio, fazendo duas viagens ao Levante e a outras partes do mundo. Quando regresssei, decidi fixar-me em Londres e abrir um consultório, tendo sido encorajado pelo Sr. Bates, meu mestre, que me recomendou a vários pacientes. Arrendei parte de uma pequena casa em Old Jewry e, de acordo com os conselhos recebidos para alterar o meu estado civil, casei com a senhorita Mary Burton, segunda filha do Sr. Edmund Burton, camiseiro em Newgate Street, de quem recebi quatrocentas libras correspondentes ao dote da filha.

Com a morte do meu estimado mestre dois anos mais tarde, o meu negócio começou a definhar, uma vez que eu contava com um reduzido leque de amigos. Na verdade, a minha consciência impedia-me de imitar as más práticas da maior parte dos meus colegas. Depois de consultar a minha mulher e alguns dos meus amigos, decidi voltar ao mar. Fui, consecutivamente, médico de bordo em dois barcos, e efetuei várias viagens, durante seis anos, às Índias Orientais e Ocidentais, conseguindo assim melhorar a minha situação

financeira. Nas horas de lazer, lia os melhores autores, antigos e modernos, contando sempre com um bom número de livros à minha disposição, e, quando me encontrava em terra, dedicava-me a observar as maneiras e os costumes dos autóctones, assim como a aprender as suas línguas, algo que conseguia fazer facilmente devido à minha elevada capacidade de memorização.

Como a última destas viagens foi pouco rentável, comecei a sentir-me cansado de viajar e decidi ficar em casa, junto da minha mulher e família. Mudei-me de Old Jewry para Fetter Lane, e daqui para Wapping, esperando encontrar clientela entre os marinheiros, o que não veio a acontecer. Após três anos na expectativa de que a situação melhorasse, aceitei uma oferta vantajosa por parte do capitão William Prichard, comandante do *Antelope*, que iria partir em breve para os mares do Sul. Zarpámos de Bristol no dia 4 de maio de 1699 e, de início, a nossa viagem revelou-se bastante favorável.

Por razões de diversa ordem, não seria adequado incomodar o leitor com os pormenores das nossas aventuras nesses mares. Basta referir que, na nossa viagem para as Índias Ocidentais, fomos fustigados por uma violenta tempestade, que nos arrastou para noroeste da Tasmânia. Observámos então que nos encontrávamos a trinta graus e dois minutos de latitude sul. Doze membros da nossa tripulação morreram por excesso de trabalho e por ingerirem alimentos estragados, e os restantes ficaram num estado de extrema debilidade. No dia 5 de novembro, numa altura em que se iniciava o verão naquelas latitudes, os marinheiros avistaram,

por entre o espesso nevoeiro, um rochedo a meio cabo de distância, contra o qual fomos embater devido ao vento forte que se fazia sentir e nos empurrou naquela direção, acabando o barco por se despedaçar. Seis membros da tripulação, em cujo grupo me encontrava, lançaram um bote ao mar para nos afastarmos do barco e do rochedo. Pelos meus cálculos, remámos cerca de três léguas até ficarmos exaustos, visto estarmos já fragilizados pelo trabalho a bordo do navio. Entregámo-nos, então, à mercê das ondas e, aproximadamente uma hora e meia mais tarde, uma súbita e violenta nortada virou o nosso bote. Ignoro o que terá acontecido aos meus companheiros do bote, bem como aos que ficaram no barco e aos que se agarraram ao rochedo, mas presumo que pereceram todos. Quanto a mim, nadei ao sabor da sorte, levado pelo vento e pelas marés. Por diversas vezes, estiquei as pernas para verificar se tinha pé, mas não encontrei o fundo. Todavia, quando estava já prestes a desfalecer e disposto a desistir de lutar pela vida, consegui sentir o fundo, ao mesmo tempo que a tempestade amainava consideravelmente. A inclinação do chão marinho era tão reduzida que avancei quase uma milha<sup>2</sup> antes de chegar à costa, perto das oito da noite, segundo me parecia. Depois, caminhei quase meia milha, embora sem conseguir encontrar quaisquer sinais de casas ou habitantes, ou, pelo menos, sem que o meu estado bastante enfraquecido me permitisse vislumbrá-los. Sentia-me extremamente cansado, o que, aliado ao calor e ao quarto de litro de *brandy* que bebera

---

<sup>2</sup> Medida itinerária, tanto pode ser terrestre como náutica, utilizada nos países de língua inglesa, equivalente a 1609 metros. [N. do T.]

antes de abandonar o barco, me provocava uma enorme sonolência. Deitei-me na relva, curta e macia, e adormeci profundamente, dormindo melhor do que alguma vez conseguira na vida, durante, creio, perto de nove horas, pois quando acordei já o dia tinha nascido. Tentei levantar-me, mas não me consegui mover. Encontrava-me deitado de costas e descobri que os meus braços e as minhas pernas, tal como o meu cabelo longo e espesso, estavam fortemente presos ao chão de ambos os lados. Senti também que várias ligaduras delgadas me cruzavam o corpo, das axilas às coxas. Como só me era possível olhar para cima e o sol começava a aquecer, a luz magoava-me os olhos. Ouvei ruídos confusos em meu redor, mas, na posição em que me encontrava, só conseguia ver o céu. Pouco depois, senti que algo vivo se movia na minha perna esquerda e que, avançando cuidadosamente pelo meu peito, parou perto do meu queixo. Baixei os olhos tanto quanto pude e compreendi que se tratava de um ser humano que não chegava às seis polegadas<sup>3</sup> de altura, com arco e flecha nas mãos e aljava nas costas. Entretanto, senti que pelo menos quarenta criaturas do mesmo tipo (ou assim me pareceu) seguiam a primeira. Fiquei tão estarrecido que soltei um forte rugido, levando-os a retroceder assustados; alguns deles, segundo me foi dito mais tarde, feriram-se ao cair do meu corpo para o chão. No entanto, logo voltaram, e um deles, que se aventurou a avançar até ao ponto em que

---

<sup>3</sup> Unidade de comprimento usada no sistema imperial de medidas no Reino Unido. Atualmente, o SI (Sistema Internacional de Unidades) recomenda o uso do metro como substituto da polegada. Uma polegada corresponde a 2,54 centímetros. [N. do T.]

conseguia ter uma boa visão de todo o meu rosto, erguendo os braços e abrindo os olhos com espanto, gritou com uma voz penetrante, mas clara: *Hekinah degul*. Os outros repetiram várias vezes estas palavras, cujo significado eu não compreendia na altura. Como o leitor poderá imaginar, permaneci durante todo este tempo em grande desconforto. Por fim, esforçando-me para me desprender, tive a sorte de rebentar as cordas e arrancar as estacas que me prendiam o braço esquerdo ao chão, descobrindo ter sido este o método utilizado para me imobilizar ao levantar o braço até à altura do rosto. Ao mesmo tempo, com um violento e doloroso puxão, soltei ligeiramente as cordas que me prendiam o cabelo do lado esquerdo, o que me permitiu mover um pouco a cabeça. Mas, antes que as pudesse agarrar, as criaturas fugiram uma segunda vez, emitindo sons num tom muito agudo, e, de seguida, após a algazarra ter terminado, ouvi um dos seres gritar *Tolgo phonac*, dando origem ao lançamento de mais de cem flechas que se cravaram na minha mão esquerda como se fossem agulhas. Depois, lançaram ainda outra descarga pelo ar, do mesmo modo que os europeus costumam fazer com as bombas, e julgo que muitas atingiram o meu corpo (embora não as tivesse sentido) e outras o meu rosto, pelo que o protegi de imediato com a mão esquerda. Quando esta chuva de flechas terminou, comecei a gemer com aflição e dor, mas, ao tentar libertar-me de novo, lançaram contra mim uma descarga ainda maior do que a primeira e alguns deles tentaram ferir-me com lanças de ambos os lados. Felizmente, tinha vestido um gibão de pele de búfalo, demasiado espesso para que eles

o conseguissem perfurar. Concluí que o mais prudente seria manter-me imóvel, deixando-me assim ficar até que a noite chegasse, e nessa altura, com a mão esquerda já solta, conseguiria facilmente libertar-me. Quanto aos habitantes daquele lugar, tinha razões para acreditar que, se fossem todos daquele tamanho, conseguiria derrotar o maior dos seus exércitos. No entanto, o destino reservava-me outros desígnios. Quando os seres verificaram que eu não me movia, pararam de lançar flechas, mas, pelo ruído que faziam, percebi que o seu número crescia. A cerca de quatro jardas<sup>4</sup> de distância do meu ouvido direito, escutei durante mais de uma hora um barulho idêntico ao de marteladas, como se muitas pessoas estivessem a trabalhar. Quando virei a cabeça naquela direção, tanto quanto me permitiam as estacas e as cordas, vi uma plataforma erigida a um pé e meio de altura do chão, capaz de suportar quatro daqueles seres, e com duas ou três escadas de acesso. A partir desta plataforma, um deles, que parecia de condição distinta, fez-me um longo discurso, do qual não entendi uma palavra. Deveria, porém, ter mencionado que, antes de esta personagem destacada ter começado o seu discurso, gritou três vezes: *Langro dehul san!* (Estas e as palavras anteriormente referidas foram-me depois repetidas e explicadas.) De imediato, uns cinquenta habitantes aproximaram-se de mim e cortaram as cordas que me prendiam o lado esquerdo da cabeça, permitindo-me assim virá-la para o lado direito e observar o orador. Este parecia ser de meia-idade e mais alto do que os outros três que o

---

<sup>4</sup> Unidade de medida de comprimento inglesa equivalente a 0,914 metros. [N. do T.]

acompanhavam, dos quais um era um pajem que lhe segurava a cauda do casaco, ligeiramente mais comprida do que o meu dedo médio. Quanto aos outros dois, permaneciam um de cada lado para o apoiar. Ao falar, adotou todas as estratégias oratórias e, ao longo do seu discurso, houve períodos de ameaças, promessas, compaixão e amabilidade. Respondi com palavras breves, de modo submisso, levantando a minha mão esquerda e os olhos para o sol, como se convocando o seu testemunho. Como estava faminto, não tendo comido nada desde que abandonara o barco, senti os apelos naturais tão fortes em mim que fui incapaz de esconder a minha impaciência (talvez contra as estritas regras da decência), metendo com frequência um dedo na boca, na tentativa de dar a entender que precisava de comer. O *hurgo* (assim chamam a um grande lorde, como mais tarde aprendi) compreendeu-me muito bem. Desceu da plataforma e ordenou que várias escadas fossem colocadas nas partes laterais do meu corpo, para que mais de uma centena de seres pudessem subir e caminhar na direção da minha boca com cestos cheios de carne que o rei mandara enviar assim que soubera da minha existência. Percebi que a carne era de vários animais, mas não os consegui distinguir pelo paladar. Havia costeletas, pernas e lombos, semelhantes aos de cordeiro e com excelente aspeto, mas mais pequenos do que as asas de uma cotovia. Comi-os aos dois e três de uma vez, adotando o mesmo procedimento com os pães, que eram do tamanho de balas de mosquete. Davam-me comida o mais depressa que conseguiam, mostrando-se muito admirados e espantados perante o meu apetite. Fiz depois um outro sinal: queria

beber. A julgarem pelo que tinha comido, perceberam que uma pequena quantidade não me saciaria, pelo que, sendo seres muito engenhosos, puseram de pé uma das suas maiores pipas, fizeram-na rolar até à minha mão e retiraram-lhe o topo. Bebi de um trago o conteúdo, algo que não constituiu qualquer proeza, visto a pipa conter menos de um quarto de litro de um líquido que sabia a vinho da Borgonha, embora fosse muito mais saboroso. Trouxeram-me uma segunda pipa, que bebi da mesma maneira, fazendo sinal para que me continuassem a trazê-las, mas já não tinham mais. Quando terminei estas maravilhas, puseram-se a gritar de alegria e a dançar sobre o meu peito, repetindo várias vezes, como tinham feito inicialmente, as palavras *Hekinah degul*. Indicaram-me que atirasse para o chão as duas pipas, avisando antes as pessoas lá em baixo para se desviarem, gritando: *Borach mevolah*. E, quando viram as pipas lançadas, houve um clamor geral: *Hekinah degul*. Devo confessar que me senti por várias vezes tentado, enquanto percorriam o meu corpo para trás e para a frente, a apanhar quarenta ou cinquenta dos que estivessem ao meu alcance e a atirá-los ao chão. Mas a recordação do que sentira — que provavelmente não seria o pior que me poderiam ter feito — e a promessa de honra que lhes fizera — ou assim interpretei o meu comportamento submisso — depressa expulsaram estes pensamentos. Além disso, sentia-me já vinculado pelas leis da hospitalidade a um povo que me tratara com tal despesa e magnificência. Por outro lado, não podia deixar de admirar a coragem destes pequenos mortais que se atreviam a subir e caminhar pelo meu corpo, enquanto uma das minhas

mãos estava livre, sem tremerem perante essa criatura prodigiosa que eu lhes devia parecer. Ao fim de algum tempo, ao verificarem que eu parara de pedir carne, apareceu diante de mim uma figura de elevada condição, enviada por Sua Majestade Imperial. Sua Excelência, subindo pelo meu tornozelo direito, avançou até ao meu rosto com um séquito de dez pessoas e, tendo apresentado as suas credenciais com o selo real, que aproximou bastante dos meus olhos, falou durante cerca de dez minutos sem indícios de ira, mas num tom determinado, apontando com frequência para a frente, na direção daquela que, como mais tarde vim a descobrir, era a capital do reino, a meia milha de distância, para onde deveria ser levado por decisão de Sua Majestade depois de consultar o seu Conselho. Respondi com poucas palavras, que de nada serviram, e fiz um sinal com a mão livre, colocando-a sobre a outra (passando-a sobre a cabeça de Sua Excelência, com receio de o magoar a ele ou a algum elemento da sua comitiva) e, depois, levei-a à minha própria cabeça e ao corpo, tentando transmitir que desejava obter a minha libertação. A mensagem pareceu ter sido bem entendida, pois Sua Excelência abanou a cabeça em desaprovação e fez um gesto com a mão para me mostrar que deveria ser transportado como prisioneiro. Contudo, fez também outros sinais para me indicar que teria comida e bebida em abundância e excelente tratamento. Nessa altura, pensei novamente em tentar soltar-me, mas, mais uma vez, ao sentir a picada das flechas no meu rosto e nas minhas mãos, já empoladas e com muitas outras ainda cravadas nelas, e ao observar que o número dos meus inimigos havia aumentado, dei-lhes

a entender que poderiam dispor de mim como bem entendessem. De seguida, o *hurgo* e o seu séquito retiraram-se com muita cortesia e semblantes de satisfação. Pouco depois, ouvi um grito em coro, com a frequente repetição das palavras *Peplom selan*, e senti um grande número de pessoas à minha esquerda a afrouxarem as cordas, sendo então possível virar-me para o meu lado direito e aliviar-me, urinando em grande quantidade, o que gerou o espanto das gentes que, imaginando pelos meus movimentos o que iria fazer, imediatamente se afastaram e abriram uma clareira para evitarem a torrente ruidosa e violenta que saía de mim. Antes disso, porém, tinham-me untado a cara e ambas as mãos com uma espécie de unguento, de cheiro muito agradável, que eliminou em poucos minutos o ardor provocado pelas flechas. Estas circunstâncias, aliadas à satisfação que obtivera através da comida e da bebida, fizeram-me ficar sonolento. Dormi cerca de oito horas, como mais tarde me garantiram, o que não era de admirar, visto os médicos, por ordem do imperador, terem misturado uma poção soporífera nas pipas de vinho.

Ao que parece, mal me tinham descoberto a dormir no chão, após a minha chegada, o imperador fora imediatamente informado da minha presença por um mensageiro, decidindo em Conselho que eu deveria ser amarrado do modo que relatei (durante a noite, enquanto dormia), que grandes quantidades de comida e bebida me deveriam ser enviadas e que deveria ser construído um mecanismo capaz de me transportar até à capital.

Esta decisão foi muito ousada e perigosa, e estou seguro de que não seria imitada por nenhum príncipe europeu

em situação idêntica. Todavia, na minha opinião, foi de uma prudência extrema, não deixando de ser generosa. Se, por exemplo, este povo se tivesse empenhado em matar-me com as suas setas e flechas enquanto eu dormia, teria certamente acordado à primeira sensação de ardor, o que poderia ter provocado a minha ira, fortalecendo-me ao ponto de conseguir rebentar as cordas que me prendiam, e, de seguida, não lhes sendo possível oferecer-me resistência, também não poderiam esperar clemência da minha parte.

Os habitantes destas paragens são excelentes matemáticos e conseguiram atingir uma grande perfeição em mecânica, graças à aprovação e encorajamento do imperador, que é um célebre mecenas do conhecimento. Este príncipe tem várias máquinas fixadas em rodas para o transporte de árvores e de outros grandes pesos. Não raro, manda construir os seus maiores navios de guerra, alguns com nove pés<sup>5</sup> de comprimento, nos próprios bosques onde a madeira cresce, e transporta-os naquelas máquinas por distâncias de trezentas ou quatrocentas jardas até ao mar. Sem perderem tempo, quinhentos carpinteiros e engenheiros puseram-se a trabalhar no maior mecanismo que tinham construído até então: uma plataforma de madeira elevada a três polegadas do chão, com cerca de sete pés de comprimento e quatro de largura, movendo-se sobre vinte e duas rodas. A algazarra que ouvira antes devera-se à chegada deste veículo, que, segundo parece, estava pronto quatro horas após a minha chegada. Enquanto estava deitado, posicionaram-no paralelamente

---

<sup>5</sup> Unidade de medida de comprimento. Um pé corresponde a 12 polegadas (30,48 centímetros). [N. do T.]

ao meu corpo. Contudo, a maior dificuldade consistiu em me erguerem e colocarem sobre ele. Para o efeito, erigiram oitenta estacas de um pé de altura e, com ganchos, prenderam cordas muito fortes, da grossura de cordéis, às muitas ligaduras que os trabalhadores me tinham posto à volta do pescoço, das mãos, do tronco e das pernas. Foram necessários novecentos dos homens mais fortes para puxar estas cordas, com a ajuda de roldanas fixadas às estacas. E, assim, em menos de três horas, fui erguido e colocado no veículo, onde me ataram fortemente. Soube tudo isto pelo que me contaram, porque, durante toda a operação, permaneci num sono profundo, em virtude da poção soporífera misturada na minha bebida. Quinhentos dos maiores cavalos do imperador, cada um com cerca de quatro polegadas e meia de altura, foram utilizados no meu transporte para a cidade, que, como já referi, ficava a meia milha de distância.

Quatro horas após o início da viagem, fui despertado por um acidente ridículo. Estando o veículo parado para repararem uma avaria, dois ou três dos jovens nativos, sentindo a curiosidade de ver o meu aspeto enquanto dormia, subiram para o veículo e avançaram muito cuidadosamente até ao meu rosto. Um deles, um oficial de guarda, decidiu enfiar a extremidade afiada da sua lança na minha narina esquerda, o que me provocou cócegas no nariz como se fosse uma palha e me fez espirrar com violência. Os jovens fugiram sem serem vistos e só três semanas depois fiquei a par do motivo que me levava a despertar tão repentinamente. Percorremos um longo caminho durante o resto do dia e descansámos à noite, com quinhentos guardas de cada lado

do meu corpo, metade deles com archotes e a outra metade com arcos e flechas preparados para disparar ao primeiro movimento agitado. Na manhã seguinte, ao nascer do dia, continuávamos a nossa marcha, e por volta do meio-dia estávamos a duzentas jardas dos portões da cidade. O imperador e toda a sua corte saíram ao nosso encontro, mas os oficiais mais graduados opuseram-se com veemência à possibilidade de Sua Majestade pôr em risco a sua integridade física ao subir ao meu corpo.

No local onde o veículo parou, havia um antigo templo, considerado o maior de todo o reino. Este templo, tendo sido maculado alguns anos antes por um crime de contornos antinaturais, passou a ser visto por aquele povo zeloso como um lugar profano, pelo que começara a ser utilizado para fins comuns e dele tinham sido retirados todos os ornamentos e mobiliário. Fora decidido que eu ficaria instalado neste edifício. A grande porta virada para norte tinha cerca de quatro pés de altura e quase dois pés de largura, o que me permitiu atravessá-la facilmente a rastejar. De cada lado da porta, havia uma pequena janela afastada uns dois pés do chão. Pela do lado esquerdo, os ferreiros do rei fizeram passar noventa e um elos, semelhantes aos que pendem dos relógios das damas europeias, e quase tão grossos, que prenderam à minha perna esquerda com trinta e seis cadeados. Em frente a este templo, no outro lado da grande estrada, a vinte pés de distância, havia um torreão com, pelo menos, cinco pés de altura. A ele subiu o imperador, acompanhado por muitos dos outros principais cortesãos, para terem a oportunidade de me observar, conforme me contaram, pois

eu não os conseguia ver. Estima-se que mais de cem mil pessoas saíram da cidade com o mesmo objetivo. Apesar de estar rodeado de guardas, creio que, em várias ocasiões, não menos de dez mil habitantes locais subiram ao meu corpo, servindo-se de escadas. Mas, em breve, seria emitida uma proclamação proibindo tal procedimento e punindo-o com a pena de morte. Depois de os trabalhadores se certificarem de que me era impossível fugir, cortaram todas as cordas que me prendiam. Nesse momento, levantei-me num estado de melancolia que jamais sentira em toda a minha vida. Não tenho, porém, forma de descrever o clamor e o deslumbramento das pessoas quando me viram levantar e andar. As correntes presas à minha perna tinham umas duas jardas de comprimento, dando-me não só a liberdade de caminhar para trás e para a frente num semicírculo, mas também, visto estarem a uma distância de quatro polegadas da porta, de rastejar pela entrada e deitar-me ao comprido no templo.

## Um livro de aventuras fantásticas que se tornou um clássico da literatura universal.

O protagonista desta história é Lemuel Gulliver, que aqui relata as famosas peripécias das quatro viagens que o levaram a conhecer lugares e seres improváveis. Desde os pequenos liliputianos, que passam a vida em disputas fúteis, até aos gigantes altivos e gananciosos de Brobdingnag, todos os cenários se revelam surpreendentes.

Nas suas viagens, Lemuel Gulliver experimentou todo o tipo de emoções: o medo, ao cruzar-se com piratas; a perplexidade, ao ver-se numa ilha voadora, rodeado por cientistas loucos; a alegria, a dúvida, entre tantas outras que vai sentindo no decorrer de ininterruptas aventuras.

Terminada a epopeia marítima, quase 17 anos depois, ao regressar a casa, Gulliver é outra pessoa.

**«Se um romance publicado na segunda década do século XVIII ainda hoje é lido em toda a parte e com o mesmo prazer por crianças, jovens e adultos, tem forçosamente de ter qualquer coisa de excepcional. E esse é um dos milagres da grande literatura: nunca envelhecer nem passar de moda.»**

*in* Prefácio de Maria do Rosário Pedreira

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 <p><b>fábula</b> imagina descobre voa 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-779-1</p> <p>11+</p>  <p>9 789897 077791</p> <p>Literatura Juvenil</p>
---	---